



secretariado
nacional da
pastoral
da cultura

Observatório da cultura

Nº. 14

Novembro 2010

www.snpcultura.org

snpcultura@inbox.com

Igreja e espaço público

Abertura

José Tolentino Mendonça

Encontrar lugar para Deus na esfera pública

Maria do Rosário Carneiro

Ser católica na política

Assunção Cristas

Além do rebanho

Henrique Raposo

O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem

Paulo Pinto de Albuquerque

Editoria católica: coerência e fidelização à Verdade

Henrique Mota

Alêtheia

Zita Seabra

O diálogo entre a Fé e a Cultura no meio editorial

José Rui Teixeira

Manuel Bidarra - In Memoriam

João Gomes

Religionline, um blogue para a interrogação e o debate

António Marujo

“Não tenhais medo”

Rui Castro

Entre a Terra da Alegria e o Trento na Língua

Carlos Cunha

Centro de Investigação da Fundação Champalimaud

Roque da Cunha Ferreira

Embolismo

José Augusto Mourão

7.º Encontro de Referentes da Pastoral da Cultura

Abertura

A relação do cristianismo com o espaço público é-lhe genética, e foi aí que ele primeiro se formulou. Um dos espantos na novidade que Jesus introduz face aos sistemas religiosos do tempo (primeiro o judeu e depois o helenístico-romano) é também o da produção e inscrição de uma experiência crente que deixa de ser exclusiva do espaço sagrado. Quem lê os quatro relatos evangélicos rapidamente se apercebe, por exemplo, que Jesus desenvolve o seu percurso de modo ex-cêntrico em relação ao Templo (e claramente essa escolha revela a pretensão de superar o próprio Templo), elegendo espaços religiosamente neutrais, como a praça, a margem, o caminho, a casa, que são o lugar, por excelência, da coreografia humana com a qual o cristianismo dialoga. Na mesma linha, havemos de acompanhar Paulo de Tarso que prega tanto numa sinagoga, como numa escola de filosofia ou num teatro.

É verdade que a Modernidade parece determinar uma recomposição do lugar público concedido ao religioso. Mas a Igreja não desiste de estar presente e de dialogar com a cultura. O mandato evangélico que institui a Igreja é um imperativo de construir uma presença cordial de esperança na itinerância do mundo.

José Tolentino Mendonça



Encontrar lugar para Deus na esfera pública

Na edificação da comunidade, no desenho público de projectos ou políticas, ninguém é dispensável, o que quer dizer que na construção comum todos temos uma responsabilidade indeclinável. Se não a assumimos, o que não fizermos, fica por assumir e por fazer e a sociedade mais pobre e vulnerável.

Há pois uma intimação peremptória para que cada um reconheça como imprescindível a sua assumpção cidadã na influência de objectivos, metas, estratégias e resultados que determinam a vida da sociedade. Vida que se forma e modela pelo compromisso individual de cada um, num trabalho em unísono, comprometido por valores espirituais informadores e estruturantes, sem os quais aliás, não é concebível qualquer acção.

Valores que traduzem um mandato de serviço ao outro e à construção comum, que derivam de um conjunto de bens fundamentais: o amor, sem o qual não se compreende nem a compaixão, nem a entreatajuda, nem a solidariedade, nem tão pouco o sentido de serviço; a verdade, na fidelidade aos princípios referenciais e às obrigações que se vão contraindo, para que se não esvaia a confiança sem a qual não há coesão nem construção social; a justiça garante do respeito pela vida e da dignidade humana, promotora da liberdade e da igualdade; a responsabilidade para connosco e para com os outros, que determina o que temos que fazer e que temos que fazer bem, aqui e agora.

Cabe-nos encontrar lugar para Deus “na esfera pública, nomeadamente nas dimensões cultural, social, económica e particularmente política”¹. Há um dever imediato de trabalhar por uma ordem social justa e em paz, em coerência com a fé, contra a indiferença, olhando e ouvindo a humanidade, alicerçado num estudo permanente e numa competência profissional, movido pelo sentido de serviço. Mas assumindo a diferença: não se trata de uma política cristã, mas de cristãos na vida política cuja missão é o testemunho e o compromisso na busca constante da verdade e da justiça, da construção do bem comum. Do trabalho de cada um, será contada a história de cada geração.

¹ Caritas in Veritate, 56

Ser católica na política

Soa-me sempre um pouco estranho quando me perguntam como é ser católico na política. Fico a pensar em que particularidade haverá quando comparado com ser católico no trabalho em geral ou em casa ou com os amigos ou com as pessoas com quem casualmente nos cruzamos na vida. É diferente?

“Ser católico” contém a resposta em si mesmo: é-se católico, não se está católico num momento ou numa condição, é-se ou procura-se ser em todos os momentos e em todas as circunstâncias. E por isso só sei responder o que é para mim ser católica ou, dito de outro modo, como me sinto católica. E aqui, na política, como na Faculdade ou na advocacia ou em qualquer lado, para mim ser católica é procurar sempre pôr a render ao serviço dos outros os talentos que Deus me deu e através desse serviço, desse acolhimento, dessa atenção e preocupação, sentir o Seu perfume e viver o Seu amor.

Não me sinto especificamente “católica na política”, procuro ser católica, da mesma maneira, em todo o lado, mas sei que estou na política porque sou católica.

Assunção Cristas, deputada



Além do rebanho

Perante o tópico "catolicismo no espaço público português", convém discutir três pontos.

I. Em Portugal, o catolicismo tem de enfrentar algo que é comum a todas as sociedades europeias: a ilegalização de Deus. As elites europeias transformaram Deus num assunto semi-clandestino. Deus passou ser um assunto impróprio para as elites sofisticadas. Como se pode combater esta clausura de Deus? Bom, para começo de conversa, temos de salientar um "pormenor": a ilegalização de Deus é um fenómeno europeu, e não mundial. Com o seu habitual eurocentrismo, a elite europeia consagrou o fim da religião como uma das marcas obrigatórias da modernidade. Porém, várias sociedades modernas (EUA, Índia, Israel, Brasil, etc.) conciliam a modernidade com a fé. A Europa está sozinha na ilegalização de Deus. Sobre este ponto, recomenda-se - e muito - a leitura de "O Regresso de Deus" (Quetzal), de John Micklethwait e Adrian Wooldridge.

II. O espaço público português é dominado por um espírito jacobino fortíssimo. A este respeito, basta lembrar a forma como se celebrou os 100 anos da I República. Como combater isto? Em primeiro lugar, convém perceber que a intolerância-jacobina-que-está-na-moda deve ser combatida com inteligência e abertura, e não com uma assanhada intolerância católica. Em segundo lugar, parece-me que a Igreja não faz, digamos, um bom marketing das suas actividades. A maioria dos portugueses não conhece o trabalho invisível da Igreja e de grupos de católicos no auxílio às pessoas mais carenciadas. É uma pena. A Igreja é um verdadeiro "Estado Social" que merecia mais respeito de uma sociedade que passa a vida a falar, precisamente, do Estado Social. Existe má-fé por parte dos intolerantes de serviço que gostam de manter a acção da Igreja fora dos holofotes? Sim. Mas a Igreja também é culpada por esta clandestinidade, porque é incapaz de mostrar que o catolicismo não se resume à missa das sete ou à contestação ao aborto.

III. Em articulação com o segundo ponto, importa dizer que a Igreja não tem muitas vozes com a capacidade de

interagir com a sociedade. Com raras exceções, as vozes da Igreja são sempre muito ortodoxas, muito previsíveis e nunca revelam capacidade para penetrar na linguagem do espaço público, esse "sítio" onde coabitam crentes e não-crentes. No fundo, as vozes da Igreja ainda não sabem falar para quem não é crente, para quem não faz parte do rebanho. Eis, portanto, "o" desafio do catolicismo português: descer da verdade e ser capaz de falar na cidade.

Henrique Raposo, investigador



Robert Holmes/Corbis

O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem

O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem é a mais alta instância jurisdicional europeia, com jurisdição sobre 800 milhões de europeus em 47 países da Europa, de Portugal à Rússia, da Islândia à Turquia. Só a Bielorrússia ainda não se encontra submetida à jurisdição deste Tribunal, porque não é membro do Conselho da Europa em virtude do carácter totalitário do seu regime político. Este areópago da justiça europeia é composto por 47 juízes, tantos quantos os membros do Conselho da Europa.

O Tribunal foi criado pela Convenção Europeia dos Direitos do Homem, aprovada depois da segunda guerra mundial no seio do Conselho da Europa. É o órgão fiscalizador do cumprimento das obrigações decorrentes da Convenção nos países membros do Conselho da Europa. Os assuntos submetidos à sua jurisdição dizem respeito ao direito à vida, direito à integridade física, direito à segurança, direito ao processo justo, princípio da legalidade, direito ao respeito pela vida privada e familiar, liberdade religiosa, liberdade de expressão, liberdade de imprensa, liberdade de associação, liberdade de ensino, direito à propriedade, entre outros.

Este é o tribunal internacional dos direitos humanos mais importante do mundo, com uma produção anual de cerca de 800 acórdãos por ano. O seu ritmo de produção jurisprudencial não tem qualquer termo de comparação com as poucas dezenas de decisões por ano do Tribunal Inter-Americano de Direitos do Homem e o recentemente instalado Tribunal Africano dos Direitos do Homem. A Ásia não tem sequer um órgão semelhante.

Aliás, a influência da jurisprudência de Estrasburgo vai muito para além das fronteiras europeias, pois o Tribunal Inter-Americano e os tribunais constitucionais de múltiplos países dos continentes americano, africano e asiático citam frequentemente a jurisprudência do Tribunal de Estrasburgo como fonte de autoridade.

Acresce que no futuro muito próximo a União Europeia vai aderir à Convenção Europeia dos Direitos do Homem, nos termos previstos no Tratado de Lisboa, pelo que toda a produção legislativa dos órgãos comunitários ficará

sob a jurisdição do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem. Isto é, o poder legiferante de Bruxelas terá de se submeter ao Tribunal de Estrasburgo.

Cada Estado membro do Conselho da Europa tem o direito a ter um juiz no Tribunal. A posição do juiz nacional é de importância crucial, pois ele intervém obrigatoriamente nos colectivos de sete e dezassete juízes nos processos relativos a Portugal. O juiz nacional também intervém nos colectivos de três juízes quando seja requerida a sua participação pelos membros do colectivo. A ratio da intervenção do juiz nacional reside na circunstância de os ordenamentos jurídicos europeus serem muito diferentes uns dos outros, o que exige uma explicação prévia por um juiz nacional das especificidades do direito do Estado requerido. Deste modo, o juiz nacional deve auxiliar os restantes membros do colectivo a perceber todas as implicações jurídicas do caso sub judice à luz do direito nacional, esclarecer dúvidas sobre a organização judiciária nacional, evitar incompreensões e equívocos sobre o sentido das normas nacionais sindicadas e chamar a atenção para as conexões da questão decidenda com outros institutos jurídicos do regime constitucional e legal português. Em síntese, o juiz nacional pode influenciar decisivamente a resolução final de todos os casos emanados dos tribunais portugueses.

Paulo Pinto de Albuquerque, jurista



Editoria católica: coerência e fidelização à Verdade

A maior dificuldade da editoria católica nos tempos que correm - e paradoxalmente, o maior incentivo ao desenvolvimento de projectos editoriais de matriz cristã e à dedicação profissional dos editores e investidores católicos - resulta da descristianização da sociedade e, por isso, da perda do consenso cultural e social dos valores cristãos.

De facto, seja em formato de papel ou em suporte digital (os modernos e-book), o desafio lançado à edição católica continua o mesmo de sempre: coerência e fidelidade à Verdade no momento da definição e da concretização de um projecto empresarial economicamente viável e da determinação de um adequado programa editorial. A tentação continua evidente e também a mesma de sempre: transigir e ceder ao encantamento de ocultar o essencial e de esconder as razões da nossa Esperança, nomeadamente com a desculpa de entrar habilmente na vaga cultural para cristianizá-la. A recristianização da Europa, hoje como nas ocasiões anteriores, faz-se pela afirmação dos valores tal e qual como eles são e não como parecem convenientes ao mundo que os rejeita. O problema nunca foi de marketing, mas de verdade, isto é e numa linguagem empresarial, de defeito (ou falsidade) do produto.

Por outro lado e como consequência, o desafio à Igreja, aos seus pastores e a uma pastoral da cultura é claro: acompanhar e conduzir as pessoas que trabalham na edição (e as suas iniciativas editoriais).

Desde logo, reconhecendo a importância dos projectos editoriais de matriz cristã, eclesiais ou independentes, incentivando os seus promotores na construção de uma cultura cristã efectivamente comprometida e implicada no anúncio da Verdade, ajudando-os criticamente a avaliar e a validar as suas decisões, acompanhando-os nos seus desafios e tormentos, promovendo a sua formação cristã e a consistência do seu pensamento estratégico, apadrinhando todos os esforços de inter-ajuda, pessoal e empresarial.

Mas também amparando os católicos editores (aqueles que trabalham em ambientes editoriais e empresariais indiferentes ou, mesmo, hostis) e que, por isso, mais precisam dessa presença por estarem mais expostos à confrontação, à chacota e ao desalento; para já não falar dos próprios riscos laborais que correm quando se afirmam e procuram assumir os seus valores e princípios.

Henrique Mota, editor



Gregor Schuster/Corbis

Alêtheia

Encontrar o equilíbrio entre o que se gosta de editar e o que se tem que editar para que uma editora, que é uma empresa, seja rentável é a grande dificuldade de um editor. A venda de livros subiu muito em Portugal, lê-se mais, edita-se mais, há muitos mais locais de venda de livros em todo o país, publicam-se mais de 1.000 novidades por mês, independentemente das reedições. A imensa maioria desses livros são *fast-books*, em tudo iguais aos hambúrgueres do McDonald. No top de vendas nacional, está há mais de um ano uma autora de livros de vampiros (Stephenie Meyer) que arrastou consigo uma quantidade imensa de autores do mesmo tema, só que, no caso dela, para os livros serem de vampiros românticos, género casam-no-fim-e-são-muito-felizes, o vampiro é vegetariano. Exactamente, o vampiro é vegetariano.

Antes dos vampiros, o best-seller que esteve, quase um ano no top português, como aconteceu nos top de todo o mundo, foi um livro sobre a felicidade, chamado “O Segredo” e que assegurava «técnicas infalíveis» de felicidade a quem o lesse. Apresentado no programa da Oprah nos EUA vendeu milhões e não me parece que tenha tido muito bons resultados na felicidade dos portugueses e sobretudo das portuguesas que o leram.

É neste panorama - que é, porém, melhor que há 25 anos, quando iniciei esta profissão em que conhecíamos praticamente toda a gente que lia os livros que editávamos e dialogávamos com uma pequeníssima elite culta - que presentemente se edita livros, que estão hoje menos tempo nas livrarias (actualmente livro que não venda de imediato é devolvido ao editor cerca de três semanas depois para libertar estantes para os novos títulos), que se tem de viver. Encontrar espaço e visibilidade entre os McDonald's para colocar livros é o desafio de todos os dias da Alêtheia.

Perante esta realidade e para chamar a atenção para ela, a Alêtheia vai editar em breve um livro que chama a atenção para o facto de nem todos os livros serem iguais, e muito menos bons, e para guardar. Chama-se “Os 10 livros que estragaram o Mundo e os 5 que ajudaram muito”. Talvez ajude.

No meio deste panorama há, porém, livros que vivem e se impõem. Os livros sobre a religião católica que em toda a Europa e nos EUA estão a subir de vendas e de interesse nos leitores, em Portugal não têm uma linha na imprensa diária e arrumam-se nas estantes do esoterismo. Mesmo assim, graças ao esforço de blogs católicos de jornais das dioceses e de muitas boas vontades, alguns escapam e conseguem ser bons sucessos, serem lidos e falados.

Na Alêtheia, procuro assim conseguir um equilíbrio entre os livros comerciais que permitam que a empresa tenha sucesso e um conjunto de livros que sirvam para aprofundar a fé, o conhecimento da história da Igreja, que entrem nos grandes debates que hoje atravessam a civilização ocidental: a relação fé e razão, a relação ciência e Deus, a arte e o divino, bem como os que são sobre os (e uso as palavras do Papa Bento XVI) «elementos que põem em causa as convicções mais difundidas na cultura dos nossos tempos».

Zita Seabra, editora



Atlantide Phototravel/Corbis

O diálogo entre a Fé e a Cultura no meio editorial

Por estes dias, enquanto trabalhava num dossier sobre Universidade Católica Editora - Porto, perguntei a mim próprio qual deveria ser o seu contributo para a Igreja em Portugal, para as faculdades de Teologia, mas também para as comunidades; na formação pessoal dos cristãos, mas também no diálogo entre a Fé e a Cultura. Diante da minha biblioteca, apartei mentalmente os livros passíveis de serem integrados numa área abrangente de mundividência cristã, da teologia dogmática à história da Igreja, da exegese bíblica à espiritualidade; ignorei os livros estrangeiros e procurei concentrar-me em edições relevantes: restaram-me um conjunto de livros, particularmente da década de 60 do século passado, divididos entre a Livraria Morais Editora e a Livraria Tavares Martins, e, mais recentes, os livros da colecção «Teofanias», da Assírio & Alvim.

Naturalmente, trata-se de uma abordagem pouco criteriosa a uma questão que merecia um estudo aprofundado, mas creio que, ainda assim, esta perspectiva denuncia um diagnóstico evidente. Com efeito, só há duas hipóteses de ler/adquirir os grandes documentos da tradição cristã: resta-nos importá-los ou, no caso de terem sido traduzidos, há ainda a possibilidade de serem encontrados em livreiros/alfarrabistas.

É evidente que este não é apenas um meio privilegiado para o diálogo entre a Fé e a Cultura, trata-se de uma condição absolutamente necessária para que esse diálogo aconteça e seja consequente. Pode parecer uma consideração pretensiosa, mas não acredito que seja possível esse diálogo sem leituras partilhadas e só poderá haver leituras partilhadas se tivermos a capacidade de traduzir ou recuperar um conjunto de autores sem os quais estaremos irremediavelmente limitados.

Creio que seria necessário um significativo investimento na edição criteriosa de obras de referência, com cuidada apresentação estética e uma efectiva presença no mercado. Sem estes pressupostos, dificilmente criaremos um espaço mais abrangente, onde possam surgir projectos como a recente editora Pedra Angular,

que privilegia o território da religião e da espiritualidade, não numa perspectiva confessional, mas numa relação mais ampla e complexa com a cultura.

Falar sobre o diálogo entre a Fé e a Cultura no meio editorial pressupõe, antes da definição de planos editoriais, a definição de um plano estratégico. Para a Igreja esse é um desafio essencial, não só por uma particular vocação editorial, mas sobretudo pelo seu fundamento dialógico.

José Rui Teixeira, editor



Manuel Bidarra - In Memoriam

Manuel Bidarra, de seu nome completo Manuel José Bidarra de Almeida, nasceu em 27.12.1930 em Caria-Belmonte. Já em Lisboa fez o curso comercial, o curso dos liceus, frequentou até ao terceiro ano o curso de Psicologia no Instituto Superior de Psicologia Aplicada e tirou o curso de Relações Públicas no Instituto de Novas Profissões. Faleceu em Lisboa em 14.09.2010.

Pertenceu à JOC onde, nos anos 50, iniciou a sua actividade na secção de Santa Engrácia, de que foi presidente, e chegou a integrar o elenco da Direcção Nacional do Movimento.

Entrou na Lisnave em 11.04.66, como chefe do Serviço de Pessoal, chefiou igualmente o Serviço de Informação (Publicações) e desempenhou funções nas empresas associadas da Lisnave, Lisnico, onde foi chefe de serviços, e na Gaslimpo onde foi subdirector. Aposentou-se há 14 anos.

Antes do 25 de Abril pertenceu ao grupo dos chamados “católicos progressistas”, tendo, nessa qualidade, subscrito a carta a Salazar, de 01 de Março de 1959, e assinado o documento “A posição de alguns católicos”, de 25 de Outubro de 1965.

Foi membro fundador da Pragma - Cooperativa de Difusão Cultural e Acção Comunitária, criada em 11.04.64, e dissolvida por despacho do ministro do Interior em Março de 1968. Integrou a Direcção da mesma.

Foi também um dos fundadores das Sedes - Associação para o Desenvolvimento Económico e Social, criada nos finais dos anos 70, de cujo primeiro Conselho Coordenador fez parte.

Associado a Manuel d'Oliveira Campos veio a constituir, nos anos 60, a Livraria S. Pedro, Editora. Entre as obras mais conhecidas oferecidas ao público, está o “Catolicismo Católico”, de que publicou várias edições, “A Arte de ser chefe” e a encíclica “Mater et Magistra”. Publicou um volume sobre “A crise Académica de Coimbra”, que lhe valeu vários problemas com a PIDE.

A livraria S. Pedro foi uma das grandes divulgadoras das revistas francesas “Informations Catholiques Internacionales” e “Croissance des Jeunes Nations”.

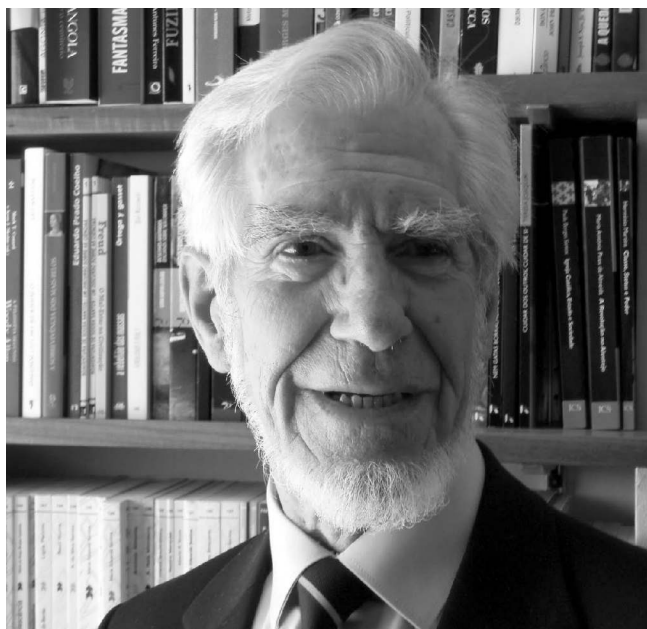
No final dos anos 60, porém, empreendeu, desta feita com Luís Glórias Ferreira, outro projecto livreiro, sob a forma de empresa limitada. Algum tempo depois sucedeu-lhe a Multinova - União Livreira e Cultural, como sociedade anónima.

Esta trabalhou com livros escolares e com o comércio de livros em geral. Tem editado dezenas de títulos, a maior parte dos quais de índole cristã. Colaborou com editoras brasileiras, nomeadamente Vozes e Loyola. Publicou obras de Leonardo Boff e livros de e sobre Abel Varzim.

Foi sob o seu impulso que a propósito da Semana de Teologia, e em colaboração com a Universidade Católica, decorreu em Lisboa e no Porto a Semana do Livro Cristão.

Manuel Bidarra era um homem de causas e um lutador entusiasta. Superactivo, após a sua reforma do Grupo Lisnave, passou a dedicar-se a tempo inteiro à Multinova. Até dia 30 de Março último, data em que entrou no hospital, foi Presidente do Conselho de Administração da empresa. Pediu a renúncia por motivos de saúde.

Dados recolhidos por João Gomes, jornalista



Religionline, um blogue para a interrogação e o debate

O blogue Religionline (<http://religionline.blogspot.com>) começou por ser uma iniciativa do Manuel Pinto, professor do Departamento de Comunicação da Universidade do Minho, em 2002. Em 2007, em conversa entre ambos, decidimos alargar o âmbito de autores do blogue. E propor a outros a iniciativa. O António Jorge Pires Ferreira (chefe de redacção do “Correio do Vouga”, de Aveiro, e posteriormente autor do <http://tribodejacob.blogspot.com/>), e o Joaquim Franco (SIC), aceitaram.

Em Fevereiro de 2009, um grupo de jornalistas (Joaquim Franco, Manuel Vilas Boas, Licínio Lima, António Marujo) organizou em Lisboa um encontro informal para debater a presença do fenómeno religioso nos media. Éramos jornalistas, investigadores, académicos, responsáveis de diferentes confissões religiosas, directores ou editores de meios de comunicação...

Verificámos sinais contraditórios, conforme uma síntese feita no final pelo Jorge Wemans (RTP): o religioso está mais presente nos media do que devia, pois os grandes acontecimentos que obtêm em simultâneo cobertura extensiva de todos os canais televisivos e dos media em geral são celebrações religiosas; mas o religioso não está suficientemente presente nos media, face à importância que ele hoje assume na sociedade democrática ocidental (para não falar de outras que nos são mais distantes).

Considerámos que não há, da parte da hierarquia católica (confissão maioritária no país) uma estratégia de comunicação ou a proposta de uma agenda. Pelo contrário, a Igreja e as instituições religiosas em geral continuam a ser difíceis, enquanto fontes de informação. Por outro lado, os media e muitos dos que os controlam olham para o religioso como algo de desqualificado ou tratam de reduzir a sua importância. O baixo nível de debate, estudo e compreensão pública do fenómeno religioso fazem (muito d) o resto.

Pensámos, seguindo ainda a síntese do Jorge Wemans, que era importante elevar a qualidade do debate sobre o

papel, função, espaço e importância do religioso. O alargamento do Religionline foi uma das ideias (a par da promoção de encontros periódicos com pessoas que ajudassem a reflectir sobre a relação entre a sociedade e o fenómeno religioso).

Com este instrumento, pretendíamos chamar a atenção para notícias, comentários, opiniões, reportagens, notas ou entrevistas surgidas nos media, que explicitassem interrogações e procuras sobre o sentido da vida, a dimensão religiosa e a cultura, como se diz no subtítulo. Ao mesmo tempo, queríamos também alargar a publicação de textos de produção própria. Estamos ainda longe do ritmo desejado, mas cremos que se mantém a validade e pertinência dos objectivos.

António Marujo, jornalista/blogger



QUARTA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO DE 2011

Ordens Religiosas em congresso inédito



[Ilustração: Giotto, Abasção de São Francisco no Castelo de Avies]

Começou esta terça-feira em Lisboa (vai até sexta) o Congresso Ordens e Congregações Religiosas em Portugal - Memória, Presença e Diálogo. Este é o texto da notícia publicada aqui.

Apesar dos conflitos entre a 1ª República e a Igreja Católica em Portugal — incluindo a medida inicial da extinção das ordens religiosas —, nove mais congregações religiosas criadas nos anos do novo regime que nas nove décadas de monarquia constitucional.

Quem o diz é o historiador José Eduardo Franco, coordenador-geral da organização do congresso Ordens e Congregações Religiosas em Portugal, que decorre entre amanhã e sexta-feira na Fundação Gulbenkian, em Lisboa. Só nos últimos três anos de República (1923-25) foram criadas em Portugal cinco novas congregações religiosas, quatro das quais de origem portuguesa, um dado que será apresentado nestes dias do congresso.

Esta é a primeira iniciativa do género no mundo a reunir campos especialistas — já mais de 180 conferencistas oriundos de todos os continentes, e 600 participantes. Nos quatro dias de debates, serão dissecados todos os aspectos relativos às primeiras "multinacionais" católicas, as primeiras organizações a fazer a globalização, como se lhes refere o historiador.

As congregações fundadas na 1ª República foram as Servas de Nossa Senhora de Fátima, Criadas dos Pobres, Orladas do Divino Coração e Religiosas Resadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima. De França, veio a primeira comunidade das Irmãs da Apresentação de Maria.

No tempo da Monarquia constitucional, apenas tinham sido criadas duas congregações religiosas: as Dominicanas de Santa Catarina de Siena, por iniciativa de Teresa de Saldanha, e as Irmãs Vitorianas, dinamizadas por Mary Wilson, uma inglesa que vivia no Funchal.

O médico Afonso Costa, líder republicano, "começou a tolerar a existência de nosaltos" pertencentes a ordens religiosas, diz Eduardo Franco. Mas as medidas da 1ª República "só tiveram bem, porque tiveram um efeito propulsor" para a acção das ordens religiosas, avalia o historiador.

Questões de natureza social, teológica, antropológica, histórica, sacramental ou artística serão dissecadas nestes quatro dias. A par das polémicas e do papel das ordens religiosas na educação, saúde, cultura, missiologia, povoamento do país e reconquista.

ILUSTRAÇÃO

Mark Rothko, Nº 14 (White and Greens in Blue), domínio público

INTERESSADOS NO BLOG

Seguir com o Google Plus Social

Seguidores (126) fotos



Já é membro? Iniciar sessão

REPUBLICAR NO TWITTER



NOTÍCIAS

religion vacation pode proporcionar anglican orthodox church is lam festival buddhism hindu

Bad Religion diz pontalilla

Vitória (Ilustração de Imagens) Os fãs do Bad Religion já podem começar a comemorar: para celebrar seu aniversário de 30 anos, a banda de pontalilla e sua discografia completa em streaming ...

Artigos Relacionados e

Bad Religion celebra 30 anos

GL.com.br

A banda californiana Bad Religion, que completou 30 anos de formação, colocou sua discografia completa para ser ouvida gratuitamente na Internet. ...

Bad Religion lança 19º álbum

Estado

Com 30 anos de carreira, comemorados este ano, o líder do Bad Religion divide seu tempo entre a universidade e os bastos: em a nova de punk rock.

“Não tenhais medo”

Estas palavras marcam o início do Pontificado de Sua Santidade o Papa João Paulo II. São palavras que constituem hoje para mim um enorme desafio e um convite à desinstalação. São palavras que me têm conduzido, nomeadamente nos mais de 5 anos que levo já a escrever em blogues.

O mundo dos blogues e das demais redes sociais - facebook, twitter, etc. -, apesar de virtual, captou já a atenção dos mais jovens e é, para muitos, a forma de comunicação por excelência.

Sem obrigatoriedade de mostrar a cara e sem que ninguém exija identificação, as redes sociais acolhem, só em Portugal, centenas de milhares de jovens, ansiosos por comunicar. E se é verdade que muitos são eles próprios fontes de comunicação, não são menos os receptáculos de informação; à espera de uma Boa Notícia.

Este constituirá, hoje, o principal motivo para que eu continue a alimentar, decorridos mais de 5 anos, um blogue. Um blogue de cariz essencialmente social e político, no qual tento dar, nos mais diversos assuntos, uma perspectiva cristã.

A tarefa é difícil e tem adversários poderosos, como sejam o politicamente correcto, uma comunicação social adversa, políticos sem coragem e incapazes de dar testemunho, as ideias feitas, o facilitismo, a atractividade das novas filosofias de vida e a cada vez maior incapacidade de aceitar as dificuldades da vida e o sofrimento.

Acresce a isto o amadorismo com que os católicos comunicaram nas últimas décadas, com um discurso pouco atractivo e, muitas vezes, obscurantista.

Nos últimos anos, porém, a situação tem vindo a inverter-se. A recente visita de S.S. o Papa Bento XVI a Portugal é disso exemplo, tendo apostado numa comunicação profissional e eficaz.

Considero que a presença de católicos nas redes sociais, nomeadamente nos blogues, é essencial e, nos próximos

anos, obrigatória. A sua ausência, nos últimos anos, permitiu que uma minoria ateia e anti-clerical conseguisse impor as suas ideias. O resultado está à vista: aborto, casamento homossexual e (quase) a eutanásia.

A perseguição dos cristãos e o martírio foram profetizados. Isto não implica, porém, que percamos por falta de comparência. A Boa Notícia - o imenso Amor de Deus por todos - tem que ser dada. Como disse S.S. o Papa Bento XVI, no encontro que teve em Portugal com o mundo da Cultura:

“Fazer coisas belas, mas, sobretudo, fazer das vossas vidas lugares de beleza”.

Rui Castro, jurista/blogger



8 OUTUBRO 2010 - 23.15h

Ó que os une?

Categoria - Política

Já depois de publicado o post anterior, venho a saber que, na última semana, vozes como as de Durão Barroso, Alexandre Relvas, Marcelo Rebelo de Sousa e Manuela Ferreira Leite, entre outras, cantaram em uníssono a necessidade de fazer aprovar o próximo orçamento. Ora, não sendo ainda conhecida qual a proposta do Governo quanto a esta matéria, fica a dúvida sobre se tais personalidades ensandeceram ao ponto de defender a aprovação de um documento desconhecido ou, pelo contrário e, digo eu, mais provável, confiam ainda menos na oferta actualmente disponível para substituir aquele que é o principal culpado de estarmos enfiados no buraco em que nos encontramos.

Rui Castro

Imprimir | Sem comentários | Comentar | Envie a um Amigo | Assine a Sábado

8 OUTUBRO 2010 - 23.00h

Já alguém reparou que as próximas presidenciais coincidem com a "época alta" do bolo-rei? Ainda não ouvi os especialistas referirem qual o impacto que esse facto pode ter na votação de Cavaco

Categoria - Política

Considerando que:

- (i) Cavaco quer correr com Sócrates;
- (ii) Cavaco quer ser reeleito;
- (iii) Cavaco não quer entregar o poder a Passos Coelho.

Temos que Cavaco tem de arranjar forma do PSD aprovar o Orçamento para 2011.

Desta forma:

- (i) Passos Coelho fica com o odioso de dar a mão a Sócrates (sujeito em que já ninguém acredita, suspeitando a maioria, porém, de que a alternativa não é melhor);
- (ii) Cavaco consegue a reeleição;
- (iii) Depois de reeleito, Cavaco promove a substituição de Passos Coelho;
- (iv) Finalmente, o PR pode então correr com o PS, entregando o poder ao novo líder do PSD (Alexandre Relvas ou Marcelo Rebelo de Sousa).

A realidade segue dentro de momentos.

Rui Castro

Imprimir | Sem comentários | Comentar | Envie a um Amigo | Assine a Sábado

8 OUTUBRO 2010 - 22.56h

Só podem estar a referir-se ao OE2010

Categoria - Política

Li na diagonal num qualquer jornal que o PS "exige" que o PSD se defina quanto ao orçamento.

Rui Castro

Imprimir | Sem comentários | Comentar | Envie a um Amigo | Assine a Sábado

Entre a Terra da Alegria e o Trento na Língua

Na segunda das muitas vidas da blogosfera portuguesa, quando os blogues ainda eram vizinhos próximos, antes da dispersão em galáxias que se afastam, a parthenia virtual, inaugurada pelo bispo Jaques Gaillot (http://www.partenia.org/portugues/partenia_pt.htm), foi lentamente povoada por leigos.

Sendo nos blogues o que somos no mundo, fomos nascendo juntos num conhecimento mútuo e criando uma rede de vizinhança e cumplicidade. Em seis destes blogueiros cresceu a vontade de testemunhar nesta terra de todos e de ninguém a pluralidade de olhares católicos sobre a vivência da fé na realidade quotidiana. Na verdade, descoberta a diversidade de experiências pessoais na unidade da Igreja, sentimos a necessidade de responder à ocupação evangélica da blogosfera portuguesa. Foi a nossa contra-reforma.

Nasceu assim, em 2004, a Terra da Alegria (<http://terradaalegria.blogspot.com>), em homenagem a esse belíssimo poema de Ruy Belo, um espaço de encontro, liberdade e diálogo virado para o exterior, que ocasionalmente acolhia outras expressões religiosas, como a fé baha'i, e que durante mais de dois anos e meio expressou um novo apostolado na internet.

Em Outubro de 2006, sem espírito de proselitismo ou de ecumenismo, estes e outros católicos juntaram-se aos amigos evangélicos no blogue Trento na Língua (<http://trentonalingua.blogspot.com>), onde se afirmam as identidades de cada um e se descobriram mais os laços de união que as razões da separação.

Hoje, quando a própria blogosfera religiosa em geral - e católica em particular - se dispersa em inúmeras aldeias distantes, tantas vezes profissionalizadas, dilui-se a comunidade global em atomismos isolados, como leigos sem paróquia.

Pergunto-me em retrospectiva, como Ruy Belo, “o que dirá de mim o castanheiro do outono / a estação do que passa e se desfaz”.

Carlos Cunha, jurista/blogger

Centro de Investigação da Fundação Champalimaud

No dia 5 de Outubro de 2010 a Fundação Champalimaud assinalou o fim da construção do «Champalimaud Centre for the Unknown».

Ficou assim concretizado o objectivo da Fundação Champalimaud de construir um centro de investigação científica multidisciplinar translacional de referência no campo da biomedicina, que garanta as condições ideais e as mais modernas tecnologias para que investigadores e académicos nacionais e estrangeiros desenvolvam projectos de excelência, com aplicação clínica, nas áreas das neurociências e da oncologia. As actividades de investigação e clínica são complementadas com o ensino pós-graduado e com programas de mestrado e de doutoramento.

O Centro foi construído perto da Torre de Belém, de onde os navegadores partiram há cinco séculos em busca do 'desconhecido'. A sua presença alavanca este legado histórico e estabelece uma ponte inspiradora entre as “Descobertas” e a epopeia actual das descobertas científicas.

O projecto do Arquitecto Charles Correa desenvolve e potencia os objectivos de excelência científica e de celebração das “Descobertas”, e devolve o rio à cidade.

O Centro Champalimaud inclui 3 edifícios:

- Edifício A, que se desenvolve em volta de um jardim tropical e que inclui as áreas de diagnóstico e de tratamento nos pisos inferiores, e os laboratórios de investigação nos pisos superiores. A área de tratamento abre-se para um outro jardim mais reservado, para utilização dos doentes. A transparência do edifício e a comunicação franca entre os pisos promovem o desejado encontro entre os cientistas, os clínicos e os utentes.

- Edifício B, que inclui no piso térreo o Auditório, o Centro de Exposições e o Restaurante, com um terraço virado para o rio. No piso superior estão os escritórios da Fundação, que comunicam com o Edifício A através de uma elegante ponte de vidro.

- Anfiteatro ao ar livre com vista para o rio.

A disposição dos edifícios cria uma via pedonal, suavemente ascendente, em direcção ao mar e, simbolicamente, ao 'desconhecido'; na sua subida vê-se apenas céu até ser atingido o seu ponto mais alto, onde aparece um espelho de água que, aparentemente, continua com o oceano.

O Centro Champalimaud é um espaço aberto que promove a relação da cidade com o oceano e com o 'desconhecido' e que oferece ao público amplas zonas ajardinadas de grande beleza na zona ribeirinha.

Roque da Cunha Ferreira, Fundação Champalimaud



Embolismo

livra-nos, Senhor
das armadilhas da mentira e da sedução
livra-nos do tempo sem redenção e sem justiça
livra-nos das situações em que a verdade
se torna produto de troca e se prostitui
livra-nos de ser louvadores do tempo presente
lubrificadores da máquina social que faz os pobres
livra-nos da ideia de justiça que recompensa e pune
e dá-nos o acesso à parcela de justiça
que a todos é devida
dá-nos o dom inegociável da Vida que se dá
e a todos se promete
dá-nos a esperança para pensar os perigos da hora
e o amor que nos remeta para a fonte
de onde os rios correm

Poema inédito

José Augusto Mourão, op

7.º Encontro Nacional de Referentes da Pastoral da Cultura

O próximo Encontro Nacional de Referentes da Pastoral da Cultura vai realizar-se a 29 de Janeiro, em Fátima.

A novidade desta edição consiste na apresentação dos projectos e iniciativas já realizadas pelas equipas criadas pelo Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura para as áreas da política, arquitectura, cinema, artes, literatura e comunicação.

O encontro, que decorre durante a manhã e a tarde de sábado, inclui a participação dos Referentes da Pastoral da Cultura explicitamente nomeados pelas dioceses ou com trabalho realizado neste âmbito, que vão descrever as actividades executadas no último ano e as acções previstas para os próximos meses.

O programa completo e os detalhes relativos às inscrições - reservadas a agentes relacionados com a Pastoral da Cultura - serão divulgados a partir de Dezembro.